



# X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"  
22 a 24 de Setembro de 2016  
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

## **CIBERESPAÇO: NOVAS PERSPECTIVAS E IMBRICAÇÕES DE LEITURA E ESCRITA**

SANDRA MARIA FERREIRA DE SOUZA

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

### Resumo

O presente artigo tece reflexões acerca das potencialidades do ciberespaço, onde redes são determinadas por outras temporalidades e territorialidades intrínsecas e múltiplas realizações se instituem sob a égide de valores e afinidades culturais, enfatizando seu caráter multidirecional, virtualizante e de desterritorialização. Enfatiza a necessidade do (re)direcionamento de práticas pedagógicas de leitura e escrita no ciberespaço, um universo hipertextual e dinâmico que vai além da sala de aula, visto que as Tecnologias da Informação e Comunicação -TIC- já se instituíram nas vivências sociais dos estudantes. Esse artigo visa, ainda, contribuir com as discussões acerca da temática, num contexto ainda em construção.

Palavras – chave: TIC, Ciberespaço, Leitura e escrita

Abstract This article reflects about cyberspace capabilities, where networks are determined by other temporalities and intrinsic territoriality and multiple realizations are instituted under the aegis of values and cultural affinities, emphasizing its multidirectional character, virtualizante and dispossession. It emphasizes the need for (re) direction of teaching reading and writing practices in cyberspace, a hypertext and dynamic universe that goes beyond the classroom, as the Information Technology and Communication -TIC- already established in the social experiences of students. This article is also intended to contribute to discussions on the theme, in a context still under construction. Key - words: ICT, Cyberspace, reading and writing

### 1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, são muitas as discussões e questões sobre o Ciberespaço e suas possibilidades formativas para o sujeito. Pensemos: O que é o Ciberespaço?

E qual a relação que os sujeitos estabelecem com o ciberespaço, num cenário em que muitas transformações perpassam as diversas esferas sociais?

Quais as possibilidades de práticas pedagógicas de leituras e escrita nesse espaço, visto que as pessoas passam grande parte do tempo navegando pelas redes sociais?

Será que não temos outro tipo de leitor?

Na realidade, é preciso pensar que estamos diante de um novo homem, uma nova situação social e o profissional da educação não pode se apresentar obsoleto frente ao novo mundo que se impõe; precisa usar as TIC como aliadas em suas práticas. Este artigo tem como objetivo discutir sobre a utilização de TIC nos processos de leitura e escrita, enfatizando a necessidade da promoção e potencialização desses processos em espaços virtuais de aprendizagem e refletir sobre leitura e escrita numa esfera “virtualizante” e “potencializante”, “do devir”, já que a sociedade da informação vem modificando e delineando os padrões de comportamento e os sistemas de ensino e aprendizagem. Na realidade a discursiva perpassa pela relação ensino aprendizagem de leitura, escrita e TIC, fazendo alusão ao universo hipertextual e a sua importância para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, práticas imprescindíveis à cidadania. Nesse processo de inserção de novas mídias na escola, o cyberspaço pode se configurar importante, potencializar os processos de leitura e escrita e conseqüentemente o ensino e aprendizagem. Como abordagem metodológica, adotou-se, neste trabalho, a pesquisa qualitativa bibliográfica para auxiliar o desenvolvimento e construção dos conceitos, ideias e prenúncios. De cunho bibliográfico, o estudo é desenvolvido com base em livros e artigos científicos (neste caso, da área da linguística, educação e tecnologias da informação e comunicação), com a finalidade de obter referencial que contribua com agrupamento de ideias, dados e informações a serem discutidas e analisadas de forma a responder ao objetivo proposto. A fundamentação teórica pauta-se nos estudos de Bakhtin (2000) e Orlandi (2000), Kleiman (2007), Geraldi (1997), Freire (2006) e Silva (2008) por refletirem sobre processos de leitura e escrita e a constituição de sentidos para interação social inventiva e singular, além de abordarem a importância para a compreensão da realidade. Baseia-se também nos estudos de Lévy (2009) por abordar virtualização do texto, a leitura como atualização e escrita enquanto virtualização da memória, Zuin (2010), Couto e Coelho (2013), Lévy (2003), Pretto (2007), Hetkowsky (2009) por abordarem a importância das Tecnologias da Informação e Comunicação no contexto escolar; Gutierrez (2004), Silva (2002) Primo (2005) e Lemos (2002), por refletirem acerca do cyberspaço como potencializador do processo de leitura e escrita; nos processos formativos e educativos da sociedade contemporânea, dentre outros teóricos.

## **2. A CIBERCULTURA: UM MOVIMENTO SOCIAL EMERGENTE**

As relações entre as novas tecnologias e a cultura contemporânea proporcionaram a emergência de uma

cultura diferente, estruturada em novas práticas comunicacionais, culturais, éticas, artísticas e políticas, altamente necessária ao momento vigente: a *Cibercultura*. Segundo Lemos (2002), *Cibercultura* é “a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática, na década de 70”. O autor enfatiza, ainda, que a nova estrutura técnico-social da *Cibercultura* instaura uma estrutura midiática impar na história da humanidade, onde, pela primeira vez, qualquer indivíduo pode, a priori, emitir e receber informação em tempo real, em diversos formatos e modalidades (escrita, imagética e sonora) para qualquer lugar do planeta.

As novas tecnologias da informação e comunicação vêm transformando a sociedade constantemente. Nesse processo, o computador tem sido um aparato de grande importância e suporte necessário à digitalização da informação e exposição em rede. Portanto, um aspecto relevante referenciado por Lemos (2002) que deve ser tomado em consideração aqui é a transformação do PC (computador pessoal) em um CC (computador conectado) e deste ao CC móvel, com a revolução do Wi-Fi. O computador proporciona o “tudo em rede”; a relação todos-todos, com possibilidades de nomadismos radicais e total mobilidade; evidencia, então, que suas potencialidades são ilimitadas. Sobre esse aspecto contribui Lévy (2008):

O computador não é mais o centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante. Suas funções pulverizadas infiltram cada elemento do tecno-cosmos. No limite, há apenas um único computador, mas é impossível traçar seus limites, definir seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em algum lugar, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si. (LÉVY, 2008, p. 44).

Quando Lévy afirma que o computador não é mais o centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante, amplia a visão das potencialidades do computador e sua relação com a sociedade. Evidencia a falta de limitação do computador conectado, que está com o centro em toda parte em todo e qualquer tempo e circunferência em algum lugar-espço, devido a seu inacabado e vivo processo de construção e de produção hipertextual. Esse espaço compreende formas diversificadas de relacionamentos tanto com o outro quanto com o mundo. Essa transição cultural, que vem se construindo e sendo construída simultaneamente, traz consequências para todos os setores da sociedade, alterando comportamentos e concepções, pois um computador conectado ao ciberespaço pode recorrer às capacidades de memória de cá e a de outros da rede, que também podem fazer o mesmo.

Lemos (2003) aborda internet como espaço multidirecional, que não pode e nem deve ser considerado como uma mídia no sentido em que se entende hoje, como mídia de massa, por causa da relação que estabelece com seus utilizadores. O fluxo da relação internet e usuários não é um-todo, ou seja, não há uma ação em específico. O que acontece nesse espaço hospedeiro de informações, em constante modificação, são

possibilidades de comunicação interativas e informativas, onde se configura a liberdade total de conteúdo: a relação que se estabelece aí é uma relação todos-todos. Nessa lógica, a cibercultura pode ser compreendida como um fenômeno de re (ligação), de (re) integração em que se busca (re) estabelecer práticas sociais. É como se as práticas comunicacionais estivessem perdidas ou distantes do cotidiano e as pessoas precisassem encurtar a distância, facilitar as relações e torná-las mais próximas.

Foi esse contexto do sistema dinâmico de transformações tecnológicas que direcionou a eclosão do “ciberespaço”, definido por Lévy (2008) como o “o espaço de comunicação aberto para interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores” que funciona como uma “teia comunicacional” que se tece e é tecida dinamicamente pelos que nela adentram. Afirma, ainda, que o ciberespaço é um dispositivo comunicativo e comunitário que se apresenta como um instrumento privilegiado da inteligência coletiva. Nesse sentido, corrobora Lévy (2008):

Quanto mais os processos de inteligência se desenvolvem - o que pressupõe, obviamente, o questionamento de diversos poderes -, melhor é a apropriação por indivíduos e por grupos, das alterações técnicas e menores são os efeitos da exclusão e de destruição humana resultantes da aceleração do movimento técnico-social, (LÉVY, 2008, p. 29).

É evidente que nesse sistema dinâmico e paradoxal, que envolve o processo das alterações técnicas e o ciberespaço, há uma relação de dependência importante, tanto para um quanto para o outro. Nesse espaço, todas as funções e possibilidades da informática são distribuíveis e cada vez mais distribuídas. Na realidade, quando processos de *inteligência coletiva*, ou seja, a partilha de funções cognitivas, como a memória, a percepção e o aprendizado desenvolvem-se de maneira eficaz graças aos ciberespaços, o reflexo é notório. Isso acelera cada vez mais o ritmo das alterações técnicas e, conseqüentemente, das relações sociais; o processo de inclusão, de certa forma, se estrutura.

Portanto, a participação ativa na cibercultura se faz necessária para o processo de redução da exclusão e destruição humana que se estabelecem devido aos acelerados avanços do universo tecno-social. Os indivíduos que não compartilham dessa rede, estão sujeitos a permanecerem à margem desse processo, que tende a excluir mais radicalmente ainda aqueles que não entram no ciclo positivo da alteração, de sua compreensão e apropriação.

Assistimos, então, a uma reconfiguração das relações físicas e eletrônicas, redimensionando um novo tipo de espaço: o digital. Esse fenômeno pode ser notado em escolas, bibliotecas, centros comunitários, etc. Evidencia-se a emergência do ciberespaço: um movimento social, liderado pela juventude metropolitana escolarizada, cujas palavras de ordem são: “(interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes”. (LÉVY, 2008, p. 123), altamente marcado pela “velocidade”, fenômeno importante nas transformações tecnológicas.

Na realidade, a internet é um espaço de comunicação aberta que ultrapassa os controles de mídia de massa e, por isso, tornou-se a questão política mais importante da cidade-ciborgue, justamente por ser o canal de múltiplas ralações e interações, pelo qual os grupos sociais adentram, cada vez mais, na busca constante dos mais variados tipos, afirma Lemos (2002):

Grupos sociais estão estabelecendo relações de proximidade através das redes eletrônicas, como demonstram diversas práticas atuais como as relações sociais online, a ocupação do espaço real através de organização pelo espaço virtual, a disseminação da conectividade em espaço físicos da cidade com a tendência mundial do *wi-fi*, a emergência de projetos em cibercidades e a correlata institucionalização de processos de inclusão digital, ciberdemocracia, cibercidadania e governança eletrônica, (LEMOS, 2002).

Esse emaranhado de possibilidade conduz a um enorme gama de preocupações. O “fenômeno cibercultural” traz à reflexão a relatividade de espaço-lugar e de tempo e suas implicações nas relações humanas.

A velocidade das alterações na produção de informação e de conhecimento desencadeia a efêmera duração das mensagens e desobriga os sujeitos do exercício de retê-las, o que, na realidade, evidencia a necessidade de um permanente estado de aprendizagem e adaptação do novo, já que nesse novo “espaço-temporal” em que o conhecimento e a informação se apresentam é necessário tanto velocidade para aprender quanto para esquecer. Na realidade,

A aceleração é tão forte e tão generalizada que até mesmo os mais “ligados” encontram-se, em graus diversos, ultrapassados pala mudança, já que ninguém pode participar ativamente da criação das transformações do conjunto de especialidades técnicas, nem mesmo seguir essas transformações de perto. (LÉVY, 2003, p.28).

Mediante tantas transformações, podemos imaginar quão grandes são as necessidades, das dinâmicas educacionais, de profundas mudanças nas atitudes do professor enquanto mediador dos processos de ensino-aprendizagem. O cenário educativo deve se consolidar enquanto potencializador e virtualizador.

Diante desse contexto, é preciso “pensar” a situação social e entender que o profissional da educação não pode ser um mero expectador do novo mundo que se impõe, porque pode trazer resquícios à sociedade.

### **3. O CIBERESPAÇO VIRTUALIZANDO A LEITURA E A ESCRITA**

A discursiva “leitura/ escrita” perpassa por questões que envolvem a linguagem. Há de se considerar que fenômenos comunicativos se estabelecem e relações se entrelaçam, portanto convém reflexionar um pouco

sobre linguagem enquanto atividade constitutiva e interativa.

Compreendamos “linguagem” como um sistema de signos do qual os indivíduos fazem uso para estabelecer comunicação e, ainda, como uma atividade constitutiva, coletiva, social, histórica, plural e que conduz à hominização. Sobre esse fenômeno social: “a partir da invenção da linguagem, nós humanos, passamos a habitar um espaço virtual, o fluxo temporal tomado como um todo que o imediato presente atualiza apenas parcialmente. Fugazmente. Nós existimos.” (LÉVY, 2009, p. 71). Assim, o homem se reconhece, compreende o mundo em que se movimenta e a linguagem se constitui uma atividade interativa que se estrutura na subjetividade e se insere no extralinguístico em virtude da produção de sentidos. (BAKHTIN, 2004).

O que percebemos é que quando o homem se apropria da linguagem num processo interativo, esta é totalmente permeada por fatores e traços socioculturais que contribuem significativamente para sua heterogênese. Portanto, não há como nega que um complexo sistema se estrutura. Nessa nossa empreitada de compreensão é preciso ciência de que a língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem, tão pouco, pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. (BAKHTIN, 2000, p. 123).

A perspectiva de Bakhtin, quanto à interação verbal, nos remete à compreensão de que no ato da leitura de um texto, o sujeito/leitor ativa sistemas complexos que envolvem fatores psicológicos, emocionais e comportamentais, que vão desde suas consciências de gosto e valores, conhecimentos históricos, bases culturais até seu conhecimento sobre o mundo e sobre a forma de portar-se nele. Nesse instante, o que acontece, na realidade, é um processo interativo entre o sujeito/leitor, seu universo de expectativas e o texto. A realização da língua se dá nesse “instante interativo”.

Por muito tempo a leitura foi compreendida como sistema, “um meio de receber uma mensagem”, como momento de decodificação passiva. Na realidade, parecia não se perceber ou conhecer a existência da teia de sentidos e de experiências que integram e acoplam o processo de leitura, nem tão pouco que “o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico” Lévy (2009). Nessa perspectiva o potencial de virtualização do texto existe desde a sua origem mesopotâmica, mas constitui, desde sempre, um fenômeno resultante de responsabilidade tanto do autor quanto do leitor.

O autor de um texto, por deter a palavra em tempo e espaço extensos, monologando, deve ter claro evidente o tamanho de sua responsabilidade para que o texto reúna informação, relevância e coerência. O leitor, a primeira instância, deve crer que autor tem algo dizer no texto e o dirá de forma objetiva e coerente. Respeitados esses critérios, o leitor, ao fazer imersão no processo de leitura de um texto, atribui-lhe sentido, e, conseqüentemente, acaba por lhe impulsionar uma “cascata de atualizações” (LEVY, 2009, p. 35). O que podemos observar, então, é que existe entre autor e leitor “uma responsabilidade definida como mútua, pois ambos têm a zelar para que os pontos de contatos sejam mantidos, apesar das divergências possíveis de

opiniões e objetivos". (KLEIMAN, 2016).

Nessa estância, o texto se configura um componente que reflete a dinamicidade da vida, que tem sentidos e contextos criados e que precisam ser apreendidos, portanto não é admissível apenas referenciar.

Na contemporaneidade, a leitura tem sido compreendida por muitos teóricos enquanto um processo de constituição de sentidos em que o sujeito-leitor se posiciona além de um decodificador e assume uma posição "responsiva, ativa" (BAKTIN, 1992). Nesse momento de interação texto/leitor, da escuta e do "olhar profundo", "ler" pode finalmente ser um momento de o sujeito/leitor reconstruir-se e o texto servir de "vetor, de suporte ou de pretexto à atualização de nosso próprio espaço mental" (LÉVY, 2009, p. 37). O texto, na realidade se constitui uma entidade "atualizante" e "atualizadora" em múltiplas e variadas versões, traduções, cópias e exemplares em todos e qualquer tempo, quando o leitor emerge no processo de leitura.

As concepções de texto emergentes são diversas, mas enfatizamos nessa discussão a que apresenta sentido mais generalizado, mais amplo: texto enquanto discurso elaborado ou propósito deliberado, com efeito de sentidos, que se constitui a partir de zonas eivadas de teias e conexões, formando um plano de fundo sobre o qual se lança, é o texto que emergente do universo cibernético: o hipertexto.

No ciberespaço, cenário de uma civilização emergente, as tendências da evolução técnica se apresentam nas comunicações, principalmente na internet onde, a cada minuto, novas pessoas acessam novos computadores que são interconectadas, e novas informações são injetadas na rede. Se refletirmos, perceberemos que a internet, nada mais e nada menos é do que um texto produzido coletivamente no ciberespaço tecnicamente interligados por computadores a uma rede universal. Lévy, por sua vez, assinala que esse é um cenário resultante de um fenômeno social:

Eis ai a tese que vou tentar sustentar: a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes. (LÉVY, 2008 p. 123).

Pode-se perceber que o ciberespaço, denominado por Lévy como resultante de movimento social em que prevalece interconexão, incorpora uma gama enorme de possibilidades, interfaces, comunidades virtuais e etc, que conduzem o deslocamento da leitura e da escrita para um "novo formato", o "hipertexto", que tem se constituído modelo gerenciador do conhecimento, mas que não se impõe a substituir ou suprimir outros formatos culturais.

O hipertexto digital pode ser compreendido enquanto conjunto de nós, de significações interligados por conexões entre palavras, páginas, fotografias, imagens, gráficos e sequências sonoras que não se deduz do texto fonte, bem diferente dos hipertextos anteriores à informática. A pesquisa nos índices, o uso dos instrumentos de orientação e a de passagem de um nó a outro se faz muito rapidamente, em segundos.

É importante perceber que a articulação do hipertexto, da terceira geração, enquanto uma linguagem híbrida capaz de impulsionar, de potencializar a informação para o centro de circulação, para a “rede” onde são ancoradas as significações discursivas que podem se revigorar a partir da superação dicotômica dos interesses da tradição da escrita e da oralidade. Nessa perspectiva, o hipertexto propicia um imaginário híbrido, que leva em “conta não apenas as formas multidirecionais de leitura, mas também e, sobretudo, a abertura dos documentos à intervenção dos participantes do sistema” (PRIMO E RECUERO, 2006).

Uma narrativa no universo virtual desloca o centro de circulação da informação para redes de significações discursivas. O que acontece é a hipercontextualização, um movimento inverso da leitura: uma reserva textual e instrumentos de composição são produzidos a partir de um texto inicial, pelos quais um navegador projeta uma série de outros textos. O texto, nesse universo, é transformado em uma problemática textual, em decorrência do acoplamento homem/máquina. Nesse instante, então, “se pode falar de virtualização e não mais apenas de potencialização” (LÉVY, 2009, p. 42).

Para uma maior compreensão da virtualização da escrita é preciso levar em consideração seu potencial de dessincronizar e de deslocar, resultantes do potencial comunicacional de separar-se no tempo e no espaço da fonte emissora. O ato da leitura, na realidade, é o momento de recepção da mensagem que se dá distante, fora do contexto de criação. Sendo assim, é preciso ressaltar que no processo de escrita, os sistemas de enunciação devem se constituir autossuficientes, sem dependência do contexto, mas precisam seguir os critérios de universalidade científica, pois essa condição é de suma importância no processo de exteriorização, de desterritorialização e de virtualização da informação e da memória.

Como se pode perceber, o processo do qual o hipertexto emerge é transversalizado pela teoria da recepção, que inverte a lógica da centralidade para o processo de significação, onde o sentido do texto se dá a partir do momento em que o leitor se apropria dele; atualiza seus significados. É nesse momento que há a virtualização do texto.

Diante do que foi mencionado, não há como negar que as potencialidades do leitor/escritor nesse universo se ampliam. A partir do hipertexto toda leitura torna-se um ato de escrita e vice versa. O leitor pode, além de modificar as ligações, acrescentar textos e imagens, conectar hiperdocumentos, fazendo de dois hipertextos um e ou traçar ligações hipertextuais entre documentos. A web é um universo hipertextual em crescimento ininterrupto, onde os documentos se constituem instrumento de escrita e leitura onde a o processo só se constrói coletivamente. Assim a linguagem hipertextual tornou o espaço de discussão capaz de elaborar diretrizes orientadoras do processo de orientação global, pois articula tanto o universo simbólico quanto a dinâmica complexa e plural do mundo contemporâneo.

Mediante esse contexto, percebemos que as narrativas digitais superam as limitações da tradição da oralidade e da escrita, visto que não isolam nem fragmentam o sentido do texto ou do discurso. Muito pelo contrário,

institui-se um processo de ampliação da rede de significados, visto que o suporte digital possibilita novas formas ou tipos tanto de leituras quanto de escritas coletivas, ou seja, uma sinergia maior das variáveis da oralidade e da escrita.

#### **4. CONSIDERAÇÕES**

Numa sociedade em que a tecnologia ocupa posição decisiva, a ponto de (re)significar as configurações das relações humanas em todas as suas esferas, a discussão dos eixos direcionadores das futuras políticas públicas de educação não pode abster-se de uma análise mais apurada sobre o modo como as atuais relações de produção determinam transformações que acontecem cada vez mais rápido na esfera da superestrutura e, portanto, nas instituições que as compõem.

O que percebemos é que ainda estamos vivendo uma fase de superação da ideia de “novas tecnologias” enquanto inimigas do processo de ensino e aprendizagem, mesmo o docente tendo procurado amenizar as dificuldades de manejo e de uso, o que alguns teóricos entendem ainda ser um dos grandes motivos da rejeição das TIC no contexto escolar atrelada à questão da formação do educador. Mesmo com o universo das hipermídias, centrado nos sons e imagens principalmente em movimento, com cores em profusão, a maiorias dos educadores ainda insistem nas monotonias do quadro de giz e da voz. Muitas vezes não há tempo pré-disposto para planejamento de atividades e de projetos disciplinares ou multidisciplinares envolvendo as interfaces da web ou talvez conhecimento necessário para fazer desse universo um aliado no processo de ensino e aprendizagem.

A escola é um espaço social, precisa inteirar-se e fazer-se perceber como importante no processo de formação de proficiência leitora e de escrita; deve utilizar-se do espaço cibernético e das mídias colaborativas de que esse dispõe, para fazer uma educação mais inclusiva, privilegiando a arte de ensinar; reinventando a educação. É urgente conhecer e analisar as variadas interfaces virtuais e suportes textuais que podem promover leitura(s) multilinear(es) e multidirecional(ais) e desmistificar a concepção retrógrada de educação, cuja aprendizagem está centrada na relação educador – educando e restrita ao espaço físico escolar. Precisa direcionar mais o discurso e as práticas de leitura e a escrita para as relações dialógicas e para os gêneros textuais emergentes nos ambientes virtuais, a fim de que o sujeito/aprendiz amplie seus horizontes discursivos e os aprimore.

Os professores precisam redirecionar práticas pedagógicas de leitura e escrita para espaços além de sala de aula, para o espaço cibernético, levantar com os alunos questões/problemas e tentar resolvê-los, numa teia interativa e colaborativa, no universo virtual, que conforme Lévy (2008, p. 75) “é um universo de possíveis, calculáveis a partir de um modelo digital. Ao interagir com o universo digital, os usuários o exploram e o atualizam simultaneamente”.

Não podemos negar que para “atuar” nesse “novo universo”, é necessária uma escola aberta, com

professores conhecedores, engajados e comprometidos com o uso das tecnologias da informação e da comunicação, desprendidos de receio do novo, conscientes de que “A tecnologia reestruturou profundamente a consciência, a memória humana e a busca de soluções para grandes e pequenos problemas” (HETKOWSKI, 2004, p. 94). Vale salientar que a concepção de professor enquanto “conhecedor, engajado e comprometido”, perpassa pela compreensão de que o quadro, o giz e o livro didático outrora considerados satisfatórios para o processo de ensino e aprendizagem, continuam cumprindo o seu papel, mas já não são suficientes, uma vez que no mundo virtual, conceituado por Lévy (2008), os alunos se sentem livres para escrever e ler os assuntos que os interessam.

Mediante o exposto, uma certeza: se no ciberespaço, com apenas um comando, é possível realizar inúmeras atividades como pagar contas, fazer compras, cruzar fronteiras e conhecer pessoas, estabelecer redes sociais, enfim, com certeza também é possível atividades de leitura e a escrita multidirecionais. A leitura e o texto são “processos” do “ir e vir”; do “devir”. A solução de alguns problemas educacionais como a baixa proficiência de leitura e escrita, às vezes, pode está muito próxima, mas não conseguimos enxergar.

**REFERÊNCIAS** BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. [Trad. Maria E. Galvão e revisão por Marina Appenzeller]. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. BORDINI, Maria da Glória. **Guia de leituras para alunos de 1º e 2º graus**. Centro de Pesquisas Literárias. Porto Alegre: PUCRS/Cortez, 1989. CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede** - a era da informação: economia, sociedade e cultura, vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999. FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 48ª ed. São Paulo: Cortez, 2006. GERALDI, João Wanderley. (Org.). **O texto na sala de aula: leitura & produção**. Cascavel: Assoeste, 1984. HETKOWSKI, Tânia Maria e ALVES, Lynn Rosalina. **Tecnologias Digitais e Educação: novas (re)configurações técnicas, sociais e espaciais**. Salvador: EDUNEB, 2011. HETKOWSKI, Tânia Maria. **Políticas Públicas: Tecnologias da Informação e Comunicação e Novas Práticas Pedagógicas**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2004. KLEIMAN, Ângela B. & Marilda C. Cavalcanti (orgs.). 2007. **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras. 360 p. LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994. \_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2008. \_\_\_\_\_. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2009. ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2000. PRETTO, Nelson de Luca (org.). **Tecnologias e novas educações**. Salvador, BA: EDUFBA, 2005. PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **Interação mediada por computador: comunicação, Cibercultura e cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007. SIGNORINI, I. **Esclarecer o ignorante: a concepção escolarizada do acesso ao mundo da escrita**. ESP, 15 (1 & 2), 163 – 171, 1997) SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2002. SILVA, Obdália Santana Ferraz. **Tessituras (hiper)textuais: Leitura e escrita nos cenários digitais**. Salvador, Quarteto, 2008. SOUZA, Sandra Maria Ferreira de; NOGUEIRA, Cristiane Silva Mendes; OLIVEIRA, Balbina Santos de. **As tic nos processos de leitura e escrita na escola: uma**

**reconfiguração de práticas.** Trabalho publicado na íntegra nos Anais do III Simpósio Internacional de Inovação em Educação - ISBN: 978-85-65890-03-8. <http://>

[www.](http://)

[inovatec.tv.br](http://inovatec.tv.br)

[/inova2015/](http://inovatec.tv.br/inova2015/) Acesso em 04/07/2016. LIMA JR, Arnaud Soares de. **A escola no contexto das tecnologias de comunicação e informação: do dialético ao virtual.** 1. ed. Salvador: ed. Eduneb. 2007. 117 p. TAJRA, S. F. **Informática na educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade.** São Paulo: Érica, 2008. ZUIN, Antônio. A. S. **O Plano Nacional de Educação e As tecnologias da Informação e Comunicação.** In: Revista de Ciência da Educação. Caminhos na Construção do Plano Nacional da Educação: Questões Desafiadoras e Embates Emblemático. Nº 112 V.31(JUL/SET - 2010).

Disponível em:

<http://>

[www.](http://)

[scielo.br](http://www.scielo.br)

[/pdf/es/v31n112/16.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v31n112/16.pdf)

.

Acessado em: 23/09/2015.

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação- GESTEC, ofertado pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, processo seletivo de 2015. Especialista em Formação Continuada Mídias na Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB (2010), em Linguística Aplicada à Língua Inglesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS (2000) e graduada em Letras Vernáculas com Inglês pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB (1996). Pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa Interdisciplinar de Pesquisa, Representações, Educação e Sociedade Sustentável (GIPRES).

Recebido em: 07/08/2016

Aprovado em: 08/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: